

Vale mais uma tartaruga viva do que uma morta



Ainda os seres humanos não sonhavam sequer com a existência destes pedacinhos de terra quase no meio do Oceano Atlântico e já as tartarugas usavam as praias das ilhas para desovarem. A espécie existe no mundo há mais de 180 milhões de anos, mas hoje vive sob o espectro da extinção. Isso quer dizer que estes habitantes dos mares têm cada vez menos resistência às agressões ambientais.

Nota prévia, as tartarugas, este ano, regressaram em força a Cabo Verde. Tanto que estão a ocupar locais fora das zonas habitualmente usadas para a desova. Se, por um lado, esse é um sinal positivo, por outro traz mais preocupações aos organismos e às associações que lutam pela preservação destes répteis. Mais animais em terra significa também que aumenta o número de tartarugas caçadas para consumo, mas, como esclarece o director nacional do ambiente, Moisés Borges, uma tartaruga viva vale muito mais do que uma tartaruga morta.

"Uma tartaruga morta, segundo as informações recolhidas, pode valer entre 5 mil e 10 mil escudos, mas a actividade eco turística associada à espécie tem muito mais valor do que a matança. Na Boa Vista, as pessoas que fazem actividade eco turística dizem que cada turista paga cerca de 5 mil escudos para ir ver o processo da desova ou da eclosão dos ovos. O que nos leva a perceber que é uma oportunidade económica extraordinária", explica o responsável.

Não é que as pessoas não saibam que a caça, o consumo e a posse da carne de tartaruga são proibidos, mas é preciso passar para um nível superior, ou seja, sensibilizar a sociedade para ser a principal parceira do projecto de conservação das tartarugas, apesar de já se notarem alguns resultados. "Muitas crianças ficam boquiabertas quando descobrem que os pais consomem carne de tartaruga. Os mais pequenos estão muito sensibilizados para a questão e têm sido um parceiro muito engraçado", salienta Moisés Borges.

Outra nota, as tartarugas que procuram as praias de Cabo Verde são apenas aquelas que nasceram no arquipélago, "são as nossas tartarugas", reforça o director nacional do ambiente. Estas tartarugas são assim um património natural de Cabo Verde, carregando uma informação genética que é única. "Devemos dar um sinal muito claro ao mundo de que estamos empenhados na protecção da espécie. Tem de ser um desígnio nacional", resume o responsável.

O vínculo geográfico

A tartaruga comum é um grande migrador. No entanto, as fêmeas manifestam forte vínculo geográfico, retornando à praia de origem (ou a uma próxima) para procederem às suas posturas. Os machos também podem manifestar comportamento semelhante, embora não deixem de acasalar noutras regiões, fora da sua colónia de origem, facto que assegura uma saudável variabilidade genética. Por outro lado, as fêmeas acasalam com diversos machos, mesmo no decurso de um ciclo de posturas, contribuindo igualmente para a variabilidade genética.

As características migradoras da tartaruga comum são intermitentes. Imediatamente após a emergência (saída do ninho), correm freneticamente para o mar e nadam, também sem parar, durante horas até atingirem águas oceânicas. Depois entram na fase juvenil oceânica (até aos 15 a 30 anos) e percorrem grandes distâncias, da ordem das dezenas de milhares de quilómetros, muito ao sabor das correntes marítimas superficiais. Quando se aproxima a idade reprodutora, começa a fase juvenil costeira (1 a 2 anos de duração, até atingirem a maturidade sexual). Reduzem então, significativamente, a amplitude dos seus movimentos migratórios, oscilando sazonalmente entre diversos locais de alimentação. Após atingirem a fase adulta, permanecem nos seus locais privilegiados de alimentação e migram para os locais de acasalamento e, no caso das fêmeas, para as proximidades das praias de posturas. Os locais de acasalamento não são muito distantes das praias de postura. Os machos ficam a aguardar as fêmeas e a identificação dos parceiros é feita quer por observação visual, quer olfactiva. A fecundação é interna e o acasalamento ocorre no mar, durando várias horas.

Cabo Verde e a chegada das tartarugas

Cabo Verde é o segundo local mais procurado pelas tartarugas comuns (*Caretta caretta*) no Atlântico Norte e o terceiro a nível mundial, atrás de Omã e dos Estados Unidos da América. Todas as espécies de tartarugas marinhas estão ameaçadas de extinção, e das sete espécies que há no mundo cinco procuram os mares de Cabo Verde: a tartaruga-de-couro, a tartaruga-verde, a tartaruga-de-casco-levantado, a tartaruga-parda e a tartaruga-vermelha (*Caretta caretta*), a mais comum e a única espécie a nidificar em todas as praias de Cabo Verde.

No arquipélago, a captura das tartarugas está proibida desde 1987, mesmo assim tem-se assistido ao consumo desenfreado dos seus ovos, da carne e do pénis, acreditando-se que este tem propriedades afrodisíacas, o que é totalmente falso.

A existência das tartarugas marinhas em Cabo Verde está referenciada desde 1456, e eram procuradas pela carne e porque se acreditava que tinham capacidades para curar a lepra. Livros de história dizem que o próprio Rei Luís XVI, da França, temendo a doença, teria enviado emissários a Cabo Verde para estudarem os procedimentos do tratamento.



Os números totais de tartarugas em Cabo Verde este ano ainda não são conhecidos. O seguimento tem sido feito localmente e só depois é que essa informação passa para a DGA. Já há um Plano Nacional de Conservação, elaborado em 2008 e aprovado em 2010, e uma rede de associações comunitárias, ONG e câmaras municipais, com quem a Direcção Geral do Ambiente faz a protecção das praias de uma forma que considera "efectiva". Esta rede começa na Brava, apesar de não ser muito procurada pelas tartarugas, passa pela ilha do Fogo e estende-se até Santo Antão e São Vicente. Na ilha do Maio, sublinha Moisés Borges, há um trabalho "muito interessante" com a câmara municipal e com associações e ONG que se instalaram na ilha. Em Santiago, há cooperação muito próxima com a câmara do Tarrafal, onde a praia da Ribeira da Prata regista o maior volume de saída de tartarugas, e ainda em Santiago há uma colaboração com uma associação de São Francisco e já se iniciaram contactos com uma outra associação de Santa Cruz, que está a fazer este trabalho. Na ilha do Sal, os laços com a câmara municipal existem há muitos anos e destaca-se também a ONG SOS Tartaruga, que tem trabalhado muito, inclusive trazendo rangers de outros países para patrulhar as praias e conseguindo também financiamento externo. "A ilha do Sal é aquela onde o trabalho de conservação é feito de forma mais concertada e tem servido de exemplo para as outras ilhas. Nas reuniões anuais incentivamos os outros a seguirem o exemplo do Sal para que consigamos cada vez mais sucesso", afirma o director nacional do ambiente. Há ainda algumas actividades em São Nicolau, onde a boa colaboração das câmaras municipais é também salientada por Moisés Borges. Na ilha de São Vicente, destaque para as acções das associações juvenis e de outras ONG como a Biosfera I, que tem trabalhado na ilha de Santa Luzia. Na ilha de Santo Antão, há ainda o projecto Cruzinha, que é também referenciado como um projecto modelo, tendo já ganho prémios internacionais.

Como não há regra sem excepção, na Boa Vista, diz o director nacional do ambiente, não contam com a parceria da autarquia. "Infelizmente, e digo infelizmente porque a Boa Vista é o principal local de nidificação das tartarugas em Cabo Verde, a câmara municipal não tem reconhecido nas tartarugas o potencial que representam para o desenvolvimento local, até porque, se a autarquia reconhecesse esta importância, teríamos os boavistenses mais engajados nesta luta. Gostávamos de apelar firmemente à população da ilha, às organizações da sociedade civil, à câmara municipal, para que criemos uma rede local da protecção desta espécie, para assegurar que por mais importante que o turismo seja, não ponha em risco os nossos recursos naturais, particularmente um património natural tão importante e tão emblemático".

"Neste momento, no terreno, temos a Turtle Foundation, a Natura 2000 e outras ONG que têm feito um trabalho de protecção e têm desenvolvido alguma acção de eco turismo apesar dessa área não estar regulamentada no nosso quadro legal".

E o 'buraco legal' é outro problema com que se debate a Direcção Nacional do Ambiente. Já foram tentados vários contactos com a Direcção Geral do Turismo, para se criar uma legislação específica para regulamentar o acesso das pessoas às praias e para garantir que seja feita uma actividade económica, mas onde também haja mecanismos para protecção das tartarugas.

As duas direcções, do ambiente e do turismo, já estiveram mais próximas, mas como houve uma troca de dirigentes na DGT seguiu-se o compasso de espera posterior. "Quando fizemos a abordagem, eles disponibilizaram-se a avançar com propostas, mas em Cabo Verde temos outro problema que é alguma instabilidade nas instituições. Os técnicos que lideram os processos acabam por ter outras oportunidades e saem das instituições, o que provoca retrocessos", conclui Moisés Borges.

Problemática da conservação

Como consta no Plano Nacional de Conservação de Tartarugas Marinhas, a predação humana para consumo de carnes e ovos, é ainda hoje um problema de carácter sensível que precisa de uma resolução urgente. A utilização das tartarugas marinhas como medicina tradicional e a apanha de areia nas praias para construção civil, são as principais causas para o decréscimo das populações de tartarugas marinhas que frequentam o arquipélago. As ilhas rasas, Sal, Boa Vista e Maio, são as que registam mais desovas da *Caretta caretta* e conseqüentemente onde são registados os maiores índices de predação dessa espécie. O consumo da carne e dos ovos não se restringe apenas a essas ilhas, sendo a ilha de Santiago, a mais populosa, muitas vezes referida como aquela em que o consumo está mais fortemente enraizado nos hábitos tradicionais. A apanha de areia, a iluminação na orla marítima e o aumento da frequência de pessoas e viaturas nas praias, também contribuem para que as tartarugas marinhas desistam de sair do mar para desovar.

Ameaças e riscos

Nas ameaças de origem Humana, a caça das espécies pela carne, órgão sexual masculino e ovos ocupa o primeiro lugar. O Homem é um dos principais predadores das tartarugas marinhas adultas em Cabo Verde. A pressão é maior na população nidificante de *Caretta caretta*, mas também se registam capturas de juvenis de *Chelonia midas* e de *Eretmochelys imbricata*, sendo igualmente frequente a captura de machos de *Caretta caretta* no mar. A carapaça é utilizada para confeccionar peças de artesanato. O abate de tartarugas marinhas é um dos principais motivos para que estes animais tenham entrado em processo de extinção. A captura acontece tanto nas zonas costeiras (fêmeas) como em alto mar (machos e fêmeas) e o abate decorre não só nas localidades costeiras mas também no interior das ilhas. Apesar dos trabalhos de sensibilização realizados, há ainda muita resistência em alterar hábitos secularmente enraizados. De uma maneira geral, diz o mesmo documento, a sociedade ainda não está suficientemente consciencializada sobre este perigo e sobre as medidas legais de proibição de abate e/ou utilização e comercialização de artigos derivados de tartarugas marinhas. Estima-se que uma parte minoritária da população (cerca de 30 por cento), a mais formada intelectualmente, é contra o abate. Outros 60 por cento, se tiverem oportunidade, consomem.

Outro dos problemas é a degradação dos habitats (extração mineral nas praias). A exploração de minerais das praias (areias) constitui um dos grandes problemas à conservação das tartarugas marinhas já que o seu habitat é modificado directamente. Esta situação leva à não desova em muitas praias, particularmente em certas ilhas como São Nicolau, Santiago e Santo Antão.

Mas, os habitats também se perdem com a ocupação desordenada da orla costeira. A construção de empreendimentos próximos da praia é um dos principais factores preocupantes em relação aos impactos sobre os sítios reprodutivos das tartarugas marinhas em Cabo Verde. A sinergia causada pela ocupação irregular, como trânsito de veículos, iluminação artificial, presença humana (predação de fêmeas e colecta de ovos de tartarugas marinhas, interferência no processo de reprodução, etc.), além do desenvolvimento de áreas suburbanas no entorno, é um dos maiores problemas e que, conseqüentemente, cria impactos negativos sobre as tartarugas marinhas. Como exemplos, o documento aponta os empreendimentos turísticos na ilha do Sal construídos muito próximos da costa e com intensa iluminação durante a noite.

Um outro problema é a iluminação artificial nas praias de nidificação, nas ruas, avenidas, estradas, casa e bares próximos das praias de desova, ou até mesmo nas próprias praias.

Esta é uma das actuais ameaças às tartarugas marinhas. É geralmente durante a noite, com a temperatura da areia mais baixa, que as fêmeas sobem à praia para desovarem e é também quando as crias entram em maior actividade e saem dos ninhos. As fêmeas evitam sair do mar para desovar nestas praias iluminadas pois a iluminação artificial interfere na orientação para o retorno ao mar. Para os filhotes, recém saídos do ninho, a ameaça é ainda maior: eles desorientam-se e seguem as luzes artificiais, mais fortes que a luz natural reflectida no mar, e dirigem-se para a terra em vez de se dirigirem para o mar.

A morte por asfixia através da captura accidental em artes de pesca e com sacos de plásticos é outra das ameaças. As tartarugas marinhas, como outros répteis, são capazes de tolerar situações de hipoxia, e até de anoxia, principalmente quando aprisionadas em redes de pesca, podendo ficar sem trocar o ar por muitas horas, porém, ainda assim, correm o risco de afogamento. Utensílios de pesca perdidos no mar, produtos derivados de petróleo e outros destroços deitados ao mar, causam impactos directamente nas tartarugas marinhas por ingestão e enredamento. Alimentando-se normalmente de medusas, as tartarugas são atraídas pelos plásticos lançados ao mar, confundindo-os com alforrecas. A ingestão de plásticos provoca desordem no comportamento de nidificação e orientação, podendo bloquear o sistema imunitário das tartarugas tornando-as vulneráveis a doenças patogénicas e conduzindo-as à morte.

As tartarugas têm ainda de enfrentar as ameaças Naturais. Os maiores predadores de tartarugas marinhas, para além do Homem, são algumas espécies de tubarão, aves (corvo), caranguejos (caranguejo-fantasma), animais selvagens (gatos) e peixes. Os primeiros predadores naturais dos ovos e filhotes ainda nos ninhos são os caranguejos e os gatos. Ao nascerem, os filhotes tornam-se vulneráveis à predação por aves (corvo), caranguejos e por uma série de predadores no oceano.

Os ninhos sofrem, normalmente, menor predação humana. Contudo, observa-se pelos estudos em curso uma elevada percentagem de predação (superior a 50 por cento) dos ninhos de *Caretta caretta* pelo caranguejo-fantasma, nas praias de Boa Vista (dados da ONG Natura 2000). Um dos predadores das crias é o corvo. Na maturidade,

as tartarugas marinhas são relativamente imunes à predação, a não ser pelo ataque ocasional de tubarões. A exceção é durante a desova, momento mais vulnerável na vida de uma fêmea adulta, pois é quando ela está fora de seu habitat, o mar, tornando-se assim mais lenta e indefesa, podendo ser atacada pelo homem e por alguns animais terrestres selvagens e domésticos.

Por último, as temperaturas e as mudanças climáticas podem causar impactos na proporção sexual das crias, podem alterar a escala de frequência, mudanças de ocorrência de nidificação nas praias e podem aumentar a vulnerabilidade das espécies a doenças.

O ciclo de vida das tartarugas

A tartaruga comum, estima-se, poderá atingir cerca de 65 a 70 anos de vida. Praticamente metade desse período corresponde à fase de imaturidade sexual, e durante a fase reprodutiva as fêmeas podem realizar 10 a 15 épocas de posturas.



As posturas ocorrem quase sempre durante a noite. A fêmea reprodutora sai do mar para uma praia arenosa, preferencialmente com declive acentuado junto à faixa de rebentação, e avança para uma zona não atingida pela água durante as marés-altas. É frequente acontecerem saídas sem posturas efectivas, ou seja, em que as fêmeas saem, rastejam na areia e regressam ao mar sem concretizarem a postura. Na mesma noite, ou na seguinte, procedem a novas saídas até que se consuma, finalmente, a postura.

Cada postura oscila entre 60 a 170 ovos e, numa mesma época reprodutiva, cada fêmea pode realizar até 7 posturas sucessivas, intervaladas por 12 a 16 dias. Contagens realizadas na ilha da Boa Vista apontam para posturas com, em média, 85 ovos. Os ovos têm cerca de 41 mm de diâmetro e o período de incubação é de 45 a 70 noites. Observações realizadas na ilha da Boa Vista apontam para períodos médios de incubação de 60 noites; nas praias de areia escura da ilha de Santiago os períodos de incubação são inferiores, entre os 47 e os 55 dias.

A eclosão dos ovos acontece também predominantemente durante a noite. Alguns estudos apontam para que cerca de 90 por cento das eclosões ocorram durante a noite e as restantes durante a madrugada ou manhã. Em geral, decorrem 4 a 7 dias entre a eclosão dos ovos e a emergência das crias. Logo após atingirem a superfície, os neo-natos, que pesam apenas 19 a 20 gramas, apressam-se a atingir o mar, em

grupos numerosos. Admite-se que esta estratégia de grupo esteja relacionada com a redução do risco de ataque de predadores. As tartarugas-bebés que nascem durante a noite têm, então, maior probabilidade de sobrevivência, por ficarem menos sujeitas a temperaturas excessivamente elevadas e a ataques de predadores diurnos, como algumas espécies de aves. Estímulos visuais complexos são decisivos para que as tartarugas-bébés rastejem muito rapidamente na direcção do mar. A intensidade luminosa parece ser um dos principais estímulos, provavelmente quando concentrada em linhas horizontais, a um nível semelhante ou mais baixo daquele em que se encontram os neonatos. Na prática, poderá ser a capacidade em identificar a espuma branca das ondas a rebentarem na praia, iluminada pelo luar. Depois de entrarem no mar, as tartarugas-bébés têm também mecanismos eficientes de orientação, mas agora relacionados com a ondulação. Posteriormente, quando se afastam das águas costeiras, deixam de adoptar as ondas como principal mecanismo de orientação e começam, por fim, a movimentar-se tendo especialmente em consideração o campo magnético da Terra.

É reconhecido o facto das tartarugas marinhas retornarem, para a reprodução, aos locais onde nasceram. Por vezes, retornam à mesma praia. A fixação a esses locais de nascença poderá ocorrer durante a fase de neonato, especialmente quando as tartarugas-bébés ficam a alimentar-se relativamente próximo da praia de origem. Não são ainda totalmente compreendidos os mecanismos de localização das praias ou zonas de origem, mas admite-se o recurso a sistemas magnéticos, que lhes são também úteis durante as rotas migratórias.

As tartarugas marinhas, como qualquer réptil, respiram por pulmões. Em geral permanecem debaixo de água apenas por períodos de 4 a 5 minutos, mas podem mergulhar e nadar debaixo de água durante 20 minutos, em caso de necessidade; e se estiverem em repouso, submersas, podem manter-se sem respirar durante horas. Têm capacidade de atingir grandes profundidades, quando mergulham; alguns estudos registam, para os adultos, profundidades da ordem dos 230 metros.

As tartarugas marinhas têm visão e olfacto apurados, logo desde a eclosão, o que lhes permite encontrar alimentos e reconhecer os locais onde se encontram ou por onde passaram. Nas faces, abaixo dos olhos, têm glândulas excretoras de sal muito activas, que lhes permitem eliminar os excessos de sal provenientes da água do mar que ingerem.

O longo intervalo de tempo que é necessário até ser atingida a maturidade sexual das tartarugas marinhas faz com que sejam espécies muito sensíveis, quer ao decréscimo de efectivos, quer mesmo à extinção. É igualmente muito lenta a recuperação, em resposta à redução das pressões sobre as populações de tartarugas marinhas. Uma incorrecta gestão, seja das próprias tartarugas marinhas, seja das suas praias de postura, áreas de alimentação, etc., pode ter consequências cuja avaliação não é, nem imediata, nem simples.

A protecção de adultos, fêmeas e machos, e de juvenis em idade próxima da maturidade sexual, é sempre uma primeira prioridade de conservação. Cada uma desses indivíduos vivos e saudáveis significa, afinal, a certeza de centenas ou milhares de ovos, ou seja, a continuidade da espécie.

As tartarugas que procuram Cabo Verde

TARTARUGA COMUM ou VERMELHA



Nome Científico: *Caretta caretta*

Nomes comuns: Comum, Vermelha

Status internacional: Em perigo (classificação da IUCN)

Status em Cabo Verde: Em perigo

Biogeografia

Mundial: Oceano Atlântico, Índico, Pacífico e mar Mediterrâneo (águas temperadas).

Atlântico: Norte e sul

Macaronésia: Toda a região

Cabo Verde: Populações nidificantes em todas as ilhas, menos abundantes naquelas onde há menos praias com areia. Em geral muito reduzida demograficamente pela acção humana.

Distribuição por ilhas (estimações de fêmeas):

- S. Antão - muito raro, cerca de 300 por ano
 - S. Vicente - muito raro, cerca de 200 por ano
 - S. Luzia e ilhéus Raso e Branco - raro cerca de 500 por ano
 - S. Nicolau - muito raro, cerca de 200 por ano
 - Sal - pequenas populações, cerca de 500 por ano
 - Boa Vista - população de tamanho médio/alto, cerca de 3.000 por ano, tende a diminuir rapidamente.
 - Maio - população de tamanho médio, cerca de 800 por ano, tende a diminuir rapidamente.
 - Santiago - muito raro, cerca de 300 por ano
 - Fogo - muito raro, cerca de 200 por ano
 - Brava - muito raro, cerca de 100 por ano
 - Secos ou Rombos (Grande, Cima, Sapado, Luz Carneiro) - muito raro, cerca de 100 por ano
- Habitat: baías litorâneas e alto mar
Estimativa mundial da população (fêmeas): 60.000 fêmeas em idade reprodutiva.

TARTARUGA VERDE



Nome Científico: *Chelonia mydas*

Nomes comuns: Tartaruga Verde ou Cágado

Status Internacional: Em perigo (classificação da IUCN)

Status em Cabo Verde: Em perigo

Biogeografia

Mundial: todos os mares temperados e tropicais do

mundo (Atlântico, Pacífico e Índico) Oceano Atlântico: Norte e Sul Macaronésia:

Canárias e Cabo Verde Cabo Verde: Populações juvenis em todas as ilhas, em geral reduzidas demograficamente pela acção humana (Um só registro de nidificação em 2002, na ilha de Sal).

Habitat: habitualmente em águas costeiras com muita vegetação, ilhas ou baías onde estão protegidas, sendo raramente avistadas em alto-mar.

Estimativa mundial da população: 203.000 fêmeas.
em idade reprodutiva.

TARTARUGA DE CASCO LEVANTADO



Nome Científico: *Eretmochelys imbricata*

Nome comum: Tartaruga de Casco Levantado

Status internacional: Criticamente em perigo (classificação da IUCN)

Biogeografia

Mundial: Mares tropicais e, por vezes, subtropicais

(Atlântico, Pacífico e Índico)

Oceano Atlântico: Norte e Sul

Macaronésia: Canárias e Cabo Verde

Cabo Verde: Populações juvenis em todas as ilhas, em geral reduzidas demograficamente pela acção humana.

Habitat: prefere recifes de coral e águas costeiras rasas, como estuários e lagoas,

podendo ser encontrada, ocasionalmente, em águas profundas.
Estimativa mundial da população: 34.000 fêmeas em idade reprodutiva.

TARTARUGA PARDA

Nome Científico: *Dermochelys coriacea*

Nomes comuns: Tartaruga Parda, "Strongby", Preta

Status Internacional: Criticamente em perigo (classificação da IUCN)

Status em Cabo Verde: Em perigo

Biogeografia

Mundial: todos os oceanos tropicais e temperados do mundo (Atlântico, Pacífico e Índico).

Oceano Atlântico: Norte e Sul

Macaronésia: Toda a região

Cabo Verde: Passam por águas de Cabo Verde, quando migram, há registo de nidificação esporádica nas ilhas de Santiago e Boa Vista, pelo menos.

Habitat: principalmente alto-mar, sendo eventualmente encontrada em baías

Estimativa mundial da população: 34.000 fêmeas em idade reprodutiva.

TARTARUGA OLIVACEA ou PEQUENA



Nome Científico: *Lepidochelys olivacea*

Nomes comuns: Tartaruga Olivacea ou Pequena

Status Internacional: Em perigo (classificação da IUCN)

Status em Cabo Verde: Em perigo

Biogeografia

Mundial: oceanos Pacífico e Índico; no Atlântico ocorre na América do Sul e na costa oeste da África.

Oceano Atlântico: Sul

Macaronésia: Cabo Verde

Cabo Verde: Populações de passagem, registada nas ilhas de São Nicolau, Sal e Boa Vista.

Habitat: principalmente em águas rasas, mas também em mar aberto

Estimativa mundial da população: 800.000 fêmeas em idade reprodutiva.